

LA INVESTIGACIÓN E INNOVACIÓN EN LA ENSEÑANZA DE LA GEOGRAFÍA



Jorge Juan (1713-1773)

Rafael Sebastiá Alcaraz
Emilia María Tonda Monllor
(Coordinadores)

LA INVESTIGACIÓN E INNOVACIÓN EN LA ENSEÑANZA DE LA GEOGRAFÍA

Rafael Sebastián Alcaraz

Emilia María Tonda Monllor (Eds.)

Publicaciones de la Universidad de Alicante
03690 San Vicente del Raspeig
publicaciones@ua.es
<http://publicaciones.ua.es>
Teléfono: 965 903 480

© los autores, 2016

© de la presente edición: Universidad de Alicante

ISBN: 978-84-16724-07-9

Diseño de cubiertas: CEE Limencop S.L.
Maquetación: CEE Limencop S.L.

UNIÓN DE EDITORIALES
UNIVERSITARIAS ESPAÑOLAS
www.une.es

Esta editorial es miembro de la UNE, lo que garantiza la difusión y comercialización nacional y internacional de sus publicaciones.

Reservados todos los derechos. Cualquier forma de reproducción, distribución, comunicación pública o transformación de esta obra solo puede ser realizada con la autorización de sus titulares, salvo excepción prevista por la ley. Diríjase a CEDRO (Centro Español de Derechos Reprográficos, www.cedro.org) si necesita fotocopiar o escanear algún fragmento de esta obra.

O(S) LUGAR(ES) DO CINEMA NA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA

Fátima Velez de Castro

CEGOT/Departamento de Geografia da Universidade de Coimbra

velezcastro@fl.uc.pt

Resumo

O cinema oferece à geografia e ao geógrafo um conjunto de possibilidades analíticas, tanto do ponto de vista da investigação como da docência. O uso do filme, assim como documentário constituem-se como instrumentos de trabalho válidos na pesquisa científica, fornecendo pistas sobre a dinâmica de funcionamento dos fenómenos espaciais.

Todavia, o cerne desta apresentação foca-se no papel do cinema como instrumento didático em contexto de ensino-aprendizagem. Explorar-se-á num primeiro momento a dimensão teórica da importância do uso da imagem fílmica e documental para geografia; num segundo momento será proposto um esquema de análise de conteúdos de imagem cinematográfica em sala de aula.

Palavras-chave

Cinema; Geografia; Educação; Ensino-Aprendizagem.

1. A FUNÇÃO DO CINEMA NA GEOGRAFIA E NA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA

O uso do filme e do documentário na geografia não é consensual na comunidade académica. A base ficcional do cinema levanta algumas objeções por parte dos mais puristas, por considerarem que a fuga à realidade concreta pode levar a desvirtuações fenomenológicas e cronotópicas (Azevedo, 2006b; Velez de Castro, 2015). Ainda assim o documentário poderá obedecer a uma vertente mais utilitária, porém com o espectro da visão comprometida do realizador que, aliado a uma base não científica, também será considerado geograficamente deturpante.

Oliveira (2011: 2-3) defende e justifica “ (...) a utilização do cinema na sala de aula [pois] possibilita inovação na prática de ensino e aprendizagem, tornando, muitas vezes, explicações mais atraentes para os alunos. Se fazendo deste filão, a geografia, através de seu ensino, também deve fazer uso dessas possibilidades. (...) A partir desse conjunto de possibilidades, o professor de geografia pode conduzir o educando a aprendizagens significativas, relativizando um pouco o uso do “tradicional” livro didático. Pela sua flexibilidade, o cinema permite associar seus reclames com o estudo de espaços longínquos ou próximos.”

Durán (2015) explica que o uso de filmes em contexto geográfico educativo não pretende que os alunos deixem de usar material bibliográfico, mas sim o contrário, que pela observação de imagens realizem pesquisa em livros ou noutros suportes de informação escrita. Além de que desenvolve o seu sentido crítico sobre temas e problemas territoriais e sociais, contextualizando-os do ponto de vista histórico e geográfico; ajuda-os no reconhecimento dos atores envolvidos nos processos;

desenvolve competências ao nível da argumentação e, em consequência, estimula prática de uma cidadania ativa.

Pretende-se por isso defender a aplicação do cinema – filme e documentário – na geografia e na educação geográfica, partindo da posição de que se trata de instrumentos válidos do ponto de vista motivacional e analítico. Tal ideia está baseada na conceção de três tipos de funcionalidade:

- *Função Investigativa* – o filme e o documentário podem ter um papel ativo na investigação científica em geografia em particular e nas ciências sociais em geral. A apresentação de casos hipotético-reais permite abordar e discutir conceitos, processos e modelos, do ponto de vista dos quadros teóricos constituídos para sustentar diversas áreas do conhecimento geográfico.

Além disso, pode auxiliar em termos metodológicos, isto é, fornecendo pistas e hipóteses para casos quantitativos (estimados) ou qualitativos (com base em narrativas).

Esta dimensão funcional constitui-se com a *exploração de pesquisa*, pelo filme e pelo documentários poderem auxiliar e completar as informações decorrentes da pesquisa científica.

- *Função Interpretativa* – neste caso o geógrafo assume um papel ativo como realizador, criando a sua própria conceção imagética do fenómeno geográfico, ou seja, exprimindo por imagens a natureza da sua ideologia e a dinâmica do fenómeno, o qual resultou de uma pesquisa de âmbito quantitativo e/ou qualitativo.

Esta dimensão constitui-se como a *exploração ativa*, sendo principalmente vocacionada para o documentário. O papel do geógrafo-realizador não é apenas o de legar imagens em movimento sobre um fenómeno de base territorial, mas também adota uma função educativa sobre o público espetador, uma vez que a vertente crítica tenderá a estar destacada pela própria limitação temporal em causa (duração da película).

- *Função Didática* – embora inerente às duas funções apresentadas, ainda que de forma secundarizada, entende-se este caso concreto como a possibilidade de exploração de objetos filmicos e documentais em contexto de sala de aula. Neste caso, há a possibilidade trazer para a turma um “caso de estudo” hipotético (filme) ou real (documentário), o qual poderá ser visualizado, analisado e discutido pelo professor e pelos alunos, em qualquer nível de ensino.

Está-se perante uma dimensão de *exploração reflexiva* de carácter participativo, pois não é só o geógrafo-professor que atua, mas sim os alunos, como parte integrante do processo de investigação e de ensino-aprendizagem.

Em suma, a função interpretativa revela o geógrafo como realizador; a função investigativa e didática baseia-se na perspectiva do realizador (não geógrafo, na grande maioria das vezes, se não mesmo sempre) como perspetivador do(s) estudo(s) de caso em questão.

Não se considera contudo uma visão desvirtuadora do ponto de vista científico por dois motivos principais. Em primeiro lugar porque, no caso da ficção, haverá sempre uma base real para a conceção da história, com um fio condutor cronotópico aproximado da realidade. No caso de haver desfasamento a esse nível, pode-se entender como uma vantagem a própria anatópia, uma vez que a análise crítica deverá passar pela recuperação da veracidade temporal e espacial do fenómeno (Les, 2003; Costa, 2005). Nesse sentido, Azevedo, Ceralols e Oliveira (2015: 9) entendem o filme e o “(...) cinema não só como aquilo que captura o real e diz sobre ele, mas como algo que o configura, nele age e inventa imagens e sons compondo e decompondo. Imagem e paisagem não se opõem, nem se distanciam (uma referindo-se à outra), mas constituem-

se mutuamente (...). Significa que não se deve excluir este instrumento pela sua especificidade de aparência (ir)real, mas antes aproveitar a suas potencialidades para constituir pontos de vista realmente analíticos e criativamente reflexivos.

Em segundo lugar porque se considera o filme e o documentário não como a verdade em si, mas como uma dimensão hipotética, onde o confronto entre a investigação/conteúdos e a imagem é um ponto de partida útil para estimular tanto a capacidade crítica como o pensamento divergente, levando o aluno a questionar as teorias e os modelos apresentados.

Tal não exclui de todo o trabalho de campo nem a visita de estudo. Neste caso, assume-se a análise fílmica como um complemento de estudo capaz de estimular a reflexão, de completar informações e de promover o debate em torno de situações originárias da realidade e/ou do ponto de vista do realizador, como estratégia fundamental para a promoção de uma educação geográfica mais completa e eficaz.

2. O FILME E O DOCUMENTÁRIO COMO PRODUTORES DE LUGARES

Embora neste contexto se assumam com função idêntica, urge diferenciar o filme do documentário, dada a natureza diferenciada de ambos. Numa situação de trabalho em sala de aula, é importante que antes da utilização desta estratégia, o professor explique aos alunos a utilidade do processo e a diferenciação entre ambos os objetos.

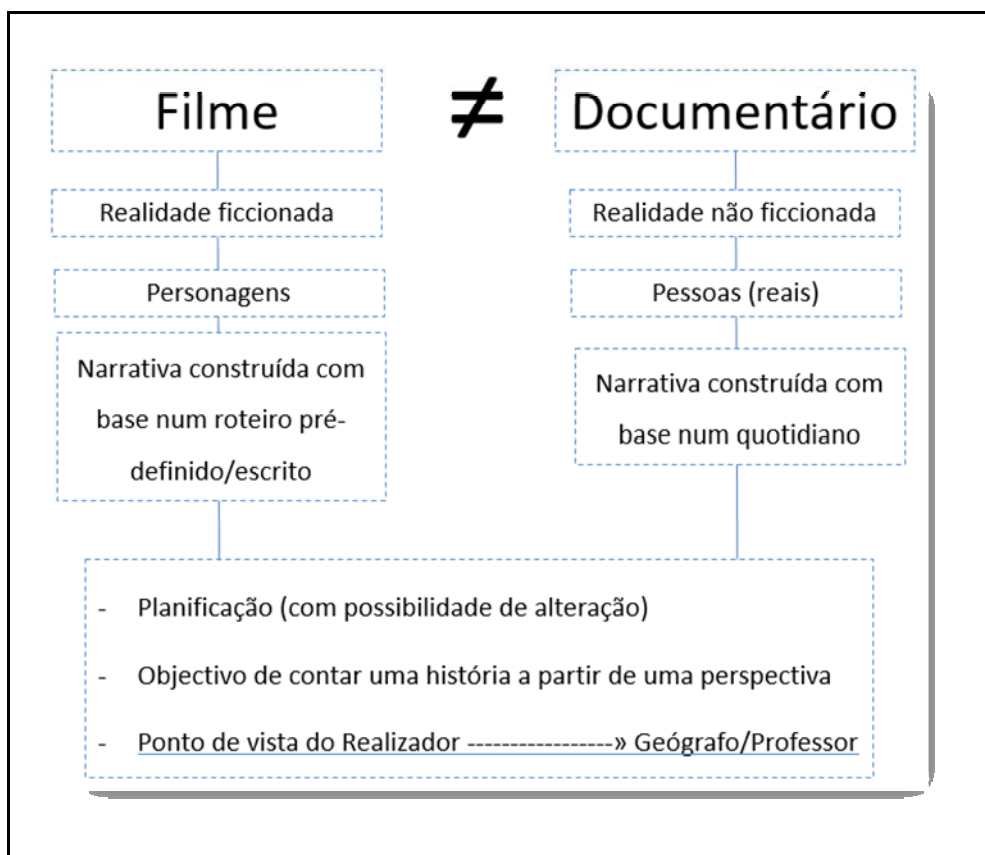


Figura1. Semelhanças e diferenças entre o filme e o documentário. Elaboração própria (2015).

O *filme* é uma realidade ficcionada, embora possa derivar de uma história verídica. Corresponde á visão do Realizador, que embora manifeste preocupações em manter a dimensão histórica e geográfica dos factos e da paisagem, não é obrigado de todo a seguir um percurso científico, muito pelo contrário. A criatividade e a necessidade de gerar narrativas diferenciadas da quotidianidade, pode levar a alterações cronotópicas mais ou menos evidentes. E como a evolução dos fenómenos não é sempre previsível, ou melhor dizendo, mesmo sendo aproximadamente estimada se encontra num plano futuro e por isso intangível, o filme apresenta-se como uma excelente oportunidade de colocar desafios face a factos ocorridos, mas que podem vir a dinamizar-se de maneira completamente distinta da verificada. Como refere Azevedo (2006a: 13) “a experiência fílmica é um lugar vivenciado e através dela podemos compreender a organização das categorias da experiência convocadas na prática da paisagem.” Esta ideia é partilhada por Duque (2013) ao destacar a importância do filme para a construção e promoção de lugares, também na perspectiva educativa sobre como olhar o território.

Os intervenientes são personagens, que atuam com base num narrativa construída em torno de um roteiro pré-definido/escrito, decorrente de interpretações independentes ou tendo por base uma história prévia que é adaptada.

No *documentário* apresenta-se uma realidade não ficcionada, embora bastante marcada pela visão do realizador de comprometimento com as suas convicções, daí que possa corresponder a uma dimensão parcial do fenómeno. Não se quer com isto dizer que seja menos válida, pelo contrário. Retratar um ponto de vista é importante para o aluno se dar conta da dimensão analítica do facto em causa, podendo a partir daí discorrer sobre outras perspectivas.

Os intervenientes são indivíduos que participam de forma ativa no território, sendo eles os próprios atores e relatores da ação viva e imediata. A narrativa é construída com base num quotidiano concreto, sem a intervenção de estruturas ficcionadas nem elementos exteriores à ação.

Contudo, pode-se identificar elementos comuns ao filme e ao documentário. Ambos requerem uma planificação e uma investigação prévia, com objetivo de preparar a narrativa e o cenário. O objetivo final será o de contar uma história, numa perspectiva espaço-temporal, a partir do olhar do realizador, o que pode incluir um certo grau de subjetividade.

Mas tendo em conta o trabalho e o papel do geógrafo-investigador, até que ponto diverge esta visão funcional? A investigação científica em si também reflete o ponto de vista do investigador, o qual se rege por quadros teóricos, modelos e metodologia que reflete correntes, épocas e espaços sociais específicos. Embora comprometido com o princípio da imparcialidade, tal não significa que seja assim na prática. Uma das regras de base assenta numa análise participativa, em que os diversos fatores do fenómeno devem pesar de forma justa e equitativa no todo investigativo, todavia podem ocorrer situações impeditivas da imparcialidade (falta de dados, alteração súbita de um fator, já depois da realização do trabalho de campo, etc.).

Distinguindo o trabalho dos dois papéis, pode-se considerar que o *realizador* foca a sua mensagem na imagem, a qual deriva de um trabalho prévio de pesquisa, que estrutura, organiza e dirige com base nas suas indicações. O *investigador* revela os seus resultados sobretudo pela palavra, a qual obedece uma estrutura baseada em princípios

desenvolvidos pelos pares e consubstanciada em teorias, estéticas, ideologia, assim como objetivos e lugares definidos.



Figura 2. Investigador e realizador: a imagem e a palavra em contexto de sala de aula. Elaboração própria (2015).

O facto é que ambos os papéis não são estáticos, muito pelo contrário, são dinâmicos e podem ser reconhecidas características do realizador no investigador, e do investigador no realizador, já que ambos são condicionados por influências exteriores advindas das correntes contemporâneas, assim como pela própria visão pessoal e pela individualidade intrínseca.

3. METODOLOGIA DE ANÁLISE FÍLMICA EM CONTEXTO DE SALA DE AULA

Embora o filme e o documentário tenham sido apresentados com três funções diferenciadas – investigativa, interpretativa e didática – ir-se-á focar a dimensão *didática* em contexto de sala de aula. A análise irá centrar-se numa linearidade sistemática, ou seja, parte-se do princípio que haverá uma exposição prévia do conteúdo programático em causa, e só depois haverá a apresentação cinematográfica, a qual será devidamente enquadrada como fazendo parte da estratégia de ensino-aprendizagem da lição.

Obedecendo a um esquema prévio de planificação, o qual pode ser adaptado às circunstâncias, propõe-se a seguinte sequência:

1) *Visualização prévia e construção de um guião* – é fundamental que o professor tenha oportunidade de ver o filme antes da aula, tendo em conta o(s) conteúdo(s) programáticos a abordar. Será uma boa estratégia se a visualização se repetir várias vezes, na medida em que a probabilidade de perceção das falas, cenários, objetos e dinâmicas se torna maior.

Com base na exploração das imagens, deve ser realizado um guião de análise do filme/documentário. Este deve ter em conta a dimensão conceptual aliada à interrogativa. O professor começa por construir um esquema com os conceitos básicos incluídos na narrativa, fazendo a ponte com a matéria abordada na sala de aula. A partir dessa primeira sistematização de ideias, poderá constituir um conjunto de questões a dois níveis: as perguntas diretas, que dizem respeito a fenómenos observados na imagem, os quais são explícitos e de fácil observação; as perguntas indiretas, que avançam no campo hipotético e onde são discutidas as opções “reais” e prováveis das personagens.

2) *Visualização com guião*- depois do guião conceptual e das questões estarem formuladas, os alunos deverão ver o filme/documentário. Convém antes realizar um enquadramento da atividade, assim como dar a conhecer a sinopse do filme, enfatizando que se trata de uma tarefa de análise fílmica e não apenas de uma observação lúdica.

Poderão ler as questões antes da visualização, para estarem mais atentos a pormenores que façam parte da discussão. Também é válida uma pesquisa prévia, que inclua a tomada de conhecimento do trailer e de outras curiosidades (por exemplo, quem são os atores participantes, etc.) que poderão atrair a atenção para a narrativa.

3) *Resposta às questões e comentário* – poderá haver um conflito entre a observação e o registo de apontamentos. Neste caso deve ser dada a liberdade aos alunos para poderem escolher: ou irem registando alguns factos à medida que o filme/documentário avança; ou realizar primeiro a visualização e depois fazer uma síntese de acordo com as informações memorizadas (resposta posterior ao guião).

4) *Comparação com base teórica prévia* – a ideia é que os alunos possam estabelecer pontos de ligação entre os conteúdos programáticos e o filme/documentário, identificando momentos de convergência e pontos de contraste. Será a fase mais importante, na medida em que podem ser colocados em causa princípios apresentados pelo professor e expostos no manual seguido nas aulas.

Contudo é a fase da construção hipotética gerada pelas imagens, pelas personagens e pela narrativa, a qual é essencial para a criação e desenvolvimento do pensamento divergente no aluno, isto é, a capacidade de dar respostas diferenciadas face a um conjunto de dados ou problema.

5) *Discussão e conclusões* – é essencial o *brainstorm* entre os alunos, orientada pelo professor, para que possam ser debatidos todos os pontos de vista. O estímulo à (re)interpretação das cenas, assim como a chamada de atenção para gestos de personagens, falas, objetos, cenários e paisagens, irá despertar o sentido crítico criativo da turma, na sua individualidade e no sentido de grupo, reforçando as aprendizagens prévias expositivas da aula.

6) *Oralidade ou registo escrito* – este ponto é complementar do anterior, ou seja, a discussão pode ser baseada na visualização sem registo escrito e este ocorrer numa fase posterior, ou até mesmo optar-se por não haver qualquer registo, no caso do filme/documentário ser um complemento exemplificativo de um conteúdo programático já trabalhado.

A escolha deve ser adaptada aos melhores resultados, ou seja, pretende-se que os alunos possam reter o máximo de conhecimentos e desenvolver a capacidade de observação e analítica, o que pode ser mais eficaz só pela observação das imagens e pela retenção memorial.

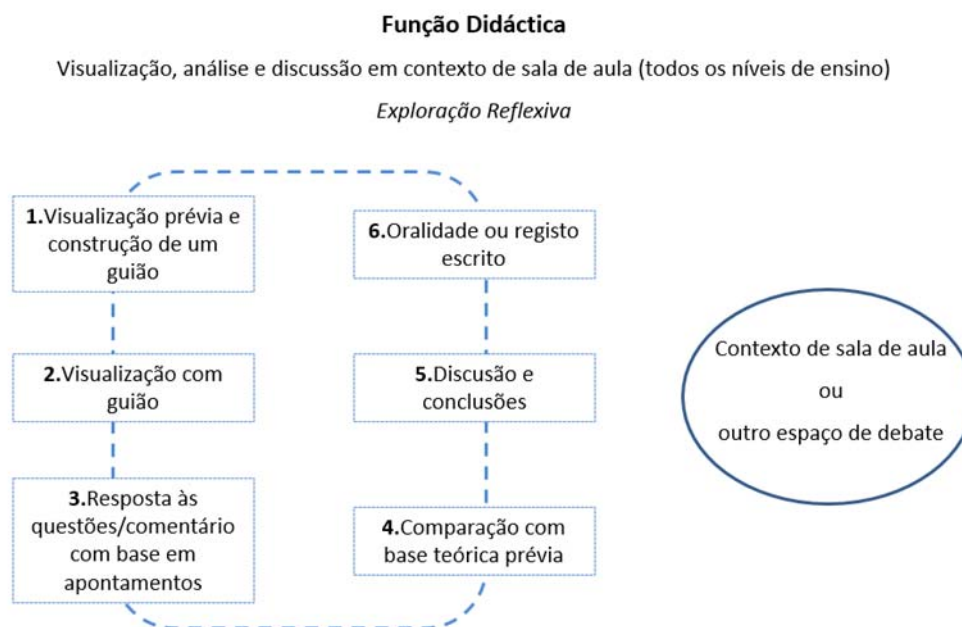


Figura 2. Proposta da sequência de planificação de aula: análise filmica.
Elaboração própria (2015).

Neste contexto, ressalve-se a proposta de Penafria (2009:5) sobre a tipologia de análise filmica, a qual pode auxiliar e completar todos os pontos da sequência de planificação proposta, e que se baseiam na decomposição do filme/documentário com diferentes enfoques estilísticos, nomeadamente:

- *Análise textual* - encara-se o filme como um texto e tem como objetivo decompô-lo dando conta da sua estrutura.
- *Análise de conteúdo* - considera o filme um relato e tem apenas em conta o tema do filme. Depois de identificado o tema, faz-se um resumo da história e a decomposição do filme tendo em conta o que o filme diz a respeito do tema.
- *Análise poética* - nesta análise em primeiro lugar identificam-se os efeitos da experiência filmica (as sensações, sentimentos e sentidos que o filme proporciona) e em segundo lugar, a partir dos efeitos tenta-se chegar à estratégia que levou à criação daquele efeito.
- *Análise da imagem e som* - esta análise também apelidada de cinematográfica centra-se no espaço filmico e recorre à utilização de conceitos cinematográficos (por exemplo: grandes planos, ângulos picados e contrapicados, entre outros).

Em suma, a produção de conhecimento com base na análise filmica deve obedecer a uma planificação prévia, que tenha em conta não só a sequência observação-registo-discussão, mas que dê espaço à criatividade analíticas dos alunos e à forma como as vivências individuais poderão promover interpretações e posições diferenciadas, até mesmo inesperadas, por parte da turma

4. CONCLUSÃO

A (in)validade da ficção é discutida na academia, em oposição ao documentários, considerado (mais) próximo da realidade. Tanto em contexto de investigação científica como de sala de aula, entende-se que ambos os instrumentos são de grande importância para o debate de fenómenos sociogeográficos e para a estimulação do pensamento divergente em geografia, componente essencial para a construção de uma cidadania ativa.

A produção de documentários por parte de geógrafos é uma forma eficaz de comunicar com impacto ciência à sociedade. Nesta perspectiva, poderá constituir-se como um projeto de trabalho motivador para os alunos, uma vez que coloca em evidência os conteúdos abordados nas aulas, aliado à investigação realizada.

Não substituindo de todo a experiência espacial, não se coloca como alternativa às viagens de estudo, mas antes como complemento da análise espacial feita através da vertente analítica dos conteúdos programáticos, e como preparação para a ida ao local do fenómeno.

O cinema é por isso um relator de lugares, mas também é um produtor de territórios. É importante que o professor e os alunos tenham esta ideia em conta, para poderem desmontar narrativas, percursos e visões contidas quer em filmes, quer em documentários, em suma, para que possa contribuir verdadeiramente para uma educação geográfica plena.

5. BIBLIOGRAFIA

Azevedo, A.F.; Cerarols, R.; Oliveira, W.M., 2015. *Intervalo entre Geografias e Cinema*. Braga: Departamento de Geografia, Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Braga.

Azevedo, A.F., 2006 a. *Geografia e Cinema. Representações culturais de Espaço, Lugar e Paisagem na cinematografia portuguesa*. Tese de Doutoramento em Geografia, Universidade do Minho.

Azevedo, A.F., 2006 b. “Geografia e Cinema”. I: Sarmiento, J.; Azevedo, A.; Pimenta, J.R. (2006) (Coord.). *Ensaio de Geografia Cultural*. Porto: Figueirinhas, pp. 59-79.

Costa, M.H.B.V., 2005. “As paisagens urbanas e o imaginário filmico”. In Valença, M.M.; Costa, M.H.B.V. (Org.) (2005). *Espaço, cultura e representação*. Rio Grande do Norte: Editora da UFRN, pp. 81-96.

Duque, A., 2013. *O Cinema na construção e promoção de territórios turísticos: a imagem do rural no cinema português*. Tese de Doutoramento em Geografia, Universidade de Coimbra.

Durán, D., 2015. *La Geografía y el Cine*. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/8713602/Un-Lugar-en-El-Mundo1> (acedido em 25/09/2015).

Les, J.A.H., 2003. *Cinema e Literatura. A metáfora visual*. Lisboa: Campo das Letras.

Sarmiento, J.; Azevedo, A.; Pimenta, J.R. (Coord.), 2006. *Ensaio de Geografia Cultural*. Porto: Figueirinhas.

Oliveira, D.R., 2011. *O uso do Cinema nas aulas de Geografia: proposta de estudo da região Nordeste*. Instituto de Estudos e Pesquisa do Vale do Acaraú, pp. 1-19.

Penafria, M., 2009. “Análise de filmes – conceitos e metodologia”. *VI Congresso SOPCOM*, pp. 1-10.

Valença, M.M.; Costa, M.H.B.V. (Org.), 2005. *Espaço, cultura e representação*. Rio Grande do Norte: Editora da UFRN.

Velez de Castro, F., 2015. “Ruralidades urbanas. Espaços (ir)reais na obra de Pedro Almodovar”. In Azevedo, A.F.; Cerarols, R.; Oliveira, W.M. (2015). *Intervalo entre Geografias e Cinema*. Departamento de Geografia, Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Braga, pp. 229-250.

Blog *Geoperspectivas – Geografía y Educación*.

Disponível em <http://geoperspectivas.blogspot.pt/2008/12/el-cine-y-la-educacin-geografica-aportes.html> (acedido em 25/09/2015).